

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O LIVRO DIDÁTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jordanna Gabriela Martins Barbosa¹
Ronaldo Elias Borges²

Resumo

O presente artigo explora a contação de histórias nos anos iniciais do ensino fundamental, focando particularmente em como esse método pode aprimorar o uso de livros didáticos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, afim de analisar e discutir, por meio de revisão bibliográfica, a relação entre narrativa e uso de livros didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura sobre as principais teorias e práticas associadas ao assunto, visando compreender como a integração de narrativas e livros didáticos pode enriquecer o ambiente educacional. Assim, ao apresentar uma história, deve-se levar em consideração técnicas como leitura expressiva ou dramatização do texto, ao mesmo tempo em que se concentra no ritmo e destaca momentos significativos na narrativa, considerando a construção das bases cognitivas e socioemocionais das crianças.

Palavras-chave: Livro didático; Contação de histórias; Anos iniciais; Desenvolvimento.

Resumo

This article explores storytelling in the early years of elementary school, focusing particularly on how this method can improve the use of textbooks. This is qualitative research of a bibliographic nature, in order to analyze and discuss, through a bibliographic review, the relationship between narrative and the use of textbooks in the early years of elementary school. To this end, a literature review was carried out on the main theories and practices associated with the subject, aiming to understand how the integration of narratives and textbooks can enrich the educational environment. Therefore, when presenting a story, techniques such as expressive reading or dramatization of the text must be taken into consideration, while focusing on rhythm and highlighting significant moments in the narrative, considering the construction of children's cognitive and socio-emotional bases.

Keywords: Textbook; Storytelling; Early years; Development.

¹ Graduanda do Curso de licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos. Email: jordanagabi2017@gmail.com.

² Orientador. Doutor em Letras e Linguística. Docente do curso de Pedagogia do IF Goiano – Campus Morrinhos. E-mail: ronaldo.borges@ifgoiano.edu.br.

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

Tese (doutorado)

Dissertação (mestrado)

Monografia (especialização)

TCC (graduação)

Artigo científico

Capítulo de livro

Livro

Trabalho apresentado em evento

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Matrícula:

Título do trabalho:

RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial: Não Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: / /

O documento está sujeito a registro de patente? Sim Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? Sim Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Local

/ /
Data



Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Documento assinado digitalmente

Ciente e de acordo:



RONALDO ELIAS BORGES

Data: 14/10/2024 19:32:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Ata nº 73/2024 - CEG-MO/CEG-MO/DE-MO/CMPMHOS/IFGOIANO

Anexo 09

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CURSO – TC

No dia **10 de outubro de 2024**, às **18h25min**, na sala de reuniões do Curso de Pedagogia, no IF Goiano - Campus Morrinhos, ocorreu a banca de defesa do Trabalho de Curso (TC) intitulado: **A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O LIVRO DIDÁTICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL** da Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia **JORDANNA GABRIELA MARTINS BARBOSA**, desenvolvido sob a orientação do(a) professor(a) **Dr. Ronaldo Elias Borges**. A banca de avaliação foi composta pelos (as) professores (as) **Dra. Ana Maria Alves Pereira dos Santos** e **Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano**.

Sendo considerado (a) o (a) Acadêmico (a):

() aprovado(a) sem ressalvas.

(x) aprovada com ressalvas.

() reprovado(a).

() reprovado(a) por não comparecer.

Morrinhos, 10 de outubro de 2024.

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges

Orientador(a)

(Assinado Eletronicamente)

Profa. Dra. Ana Maria Alves Pereira dos Santos

Membro

(Assinado Eletronicamente)

Profa. Dra. Sangelita Miranda Franco Mariano

Membro

(Assinado Eletronicamente)

Observação:

() O(a) estudante não compareceu à defesa do TC.

Documento assinado eletronicamente por:

- Sangelita Miranda Franco Mariano, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 10/10/2024 19:51:36.
- Ana Maria Alves Pereira dos Santos, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 10/10/2024 19:24:04.
- Ronaldo Elias Borges, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 10/10/2024 18:21:06.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 10/10/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 642493

Código de Autenticação: b1343636ef



INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Campus Morrinhos

Rodovia BR-153, Km 633, Zona Rural, SN, Zona Rural, MORRINHOS / GO, CEP 75650-000

(64) 3413-7900

INTRODUÇÃO

Os primeiros anos do ensino fundamental são caracterizados pela construção das bases cognitivas e socioemocionais das crianças. Nesse cenário, a contação de histórias surge como uma das práticas pedagógicas mais importantes que permitem não só o desenvolvimento da imaginação, da linguagem e da empatia, mas também possibilitam o vínculo afetivo entre o professor e o aluno. Essa prática tem suas raízes na herança cultural antiga, onde a oralidade desempenhava um papel fundamental na disseminação de conhecimentos e valores.

A contação de histórias é mais do que mera narração, ela ganhou aceitação como uma ferramenta pedagógica eficaz para o desenvolvimento integral da criança. A entrada das crianças na alfabetização formal merece atenção especial quanto à inclusão nesses mesmos níveis em que as histórias devem contribuir para os processos de alfabetização, além de possibilitar a leitura crítica sobre o mundo (Carvalho, 2015).

Com isso, os livros didáticos amplamente utilizados nas escolas brasileiras assumem esse papel como um instrumento essencial para a sistematização de conteúdos em todos os níveis educacionais que os seguem. Os livros didáticos são um recurso bem estabelecido no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, eles nem sempre conseguem atender às necessidades lúdicas e emocionais das crianças em seus primeiros estágios de desenvolvimento. Nesse sentido, integrar a contação de histórias ao uso dos livros didáticos pode proporcionar uma abordagem pedagógica mais rica e dinâmica, o que, por sua vez, potencializa a motivação e o engajamento dos alunos.

Portanto, este artigo pretende explorar a contação de histórias nos anos iniciais do ensino fundamental. O exame incluirá os efeitos da contação de histórias no crescimento cognitivo, emocional e social das crianças, juntamente com uma análise de como esses dois recursos podem trabalhar juntos para melhorar os resultados de ensino e aprendizagem. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma revisão da literatura existente sobre as principais teorias e práticas associadas ao assunto, visando compreender como a integração de narrativas e livros didáticos pode enriquecer o ambiente educacional.

MÉTODO

Este artigo se trata de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. A metodologia assim selecionada buscou analisar e discutir, por meio de revisão

bibliográfica, a relação do uso de livros didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, foram consideradas referências bibliográficas sobre trabalhos teóricos, artigos científicos, livros didáticos e documentos oficiais que envolvem a educação dos anos iniciais do ensino fundamental como tema, práticas pedagógicas e métodos de ensino.

A pesquisa bibliográfica possibilita a construção de um aprofundamento específico a respeito do conhecimento atual pertinente ao campo da contação de histórias como ferramenta pedagógica e também identifica o papel dos livros didáticos no cenário educacional. Para garantir a adequação e relevância das fontes selecionadas, foram definidos critérios rigorosos: a relevância acadêmica das publicações, a atualidade das informações fornecidas e a especificidade em relação ao tema em questão. Nesse sentido, os autores centraram sua discussão no desenvolvimento infantil, no processo de alfabetização e letramento, e na importância do brincar e das narrativas no ensino e na aprendizagem.

Os autores se concentraram em tópicos como o desenvolvimento infantil, o processo de alfabetização e a importância da brincadeira e da contação de histórias na educação. Os trabalhos de teóricos como Walter Benjamin (1994), Bruno Bettelheim (1980), Paulo Freire (1970), entre outros, foram fundamentais para algumas discussões sobre o uso de histórias e outros materiais didáticos no processo educacional. As fontes foram selecionadas devido à relevância acadêmica e à relevância para o tema.

Além disso, foram considerados documentos oficiais tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para contextualizar o uso dos livros didáticos e das práticas pedagógicas recomendadas para a faixa etária correspondente aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por meio do exame crítico dessas fontes, tornou-se viável expressar teorias educacionais e práticas de ensino, enfatizando como uma adição valiosa ao uso de livros didáticos em atividades educacionais. Portanto, a metodologia delineada neste artigo está intimamente conectada ao seu objetivo, oferecendo uma base para o discurso, sobre como a integração da narrativa com livros didáticos pode aprimorar a experiência de ensino e aprendizagem.

1. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A prática de contar histórias é uma pedagogia que tem suas origens nos tempos antigos, quando as tradições orais estavam no centro de várias culturas. Consiste em narrar eventos reais ou fictícios para transmitir conhecimento, valores e experiências. Na

educação, a contação de histórias provou ser uma ótima ferramenta para o desenvolvimento holístico das crianças, especialmente durante os primeiros anos na escola (Benjamin, 1994).

Desse modo, uma conexão imediata é formada entre o contador de histórias e o ouvinte por meio de narrativas, que diferem de informações técnicas ou objetivas, oferecendo uma experiência emocional e intelectual singular. Ao se envolver com histórias, as crianças são estimuladas a refletir, imaginar e criar suas próprias interpretações, extraindo das experiências dos personagens e das narrativas desdobradas. Essa abordagem não apenas aprimora a alfabetização, mas também promove habilidades vitais, incluindo criatividade, empatia, pensamento crítico e desenvolvimento da linguagem.

As histórias fazem as crianças imaginarem, refletirem e construírem seus próprios significados enquanto se baseiam nas experiências dos personagens e enredos apresentados. Essa contribuição ajuda a desenvolver habilidades como linguagem, pensamento crítico, empatia e criatividade. Além disso, enriquece a alfabetização. Vygotsky (2008) enfatizou que o desenvolvimento cognitivo das crianças está fortemente ligado ao ambiente social e que o conhecimento é mediado pela linguagem. Nesse sentido, as histórias permitem que as crianças internalizem a linguagem oral e escrita quando compartilhadas de forma dinâmica, durante a qual as crianças também podem estar atentas a outros aspectos do mundo e aumentando seu repertório linguístico.

De acordo com Bettelheim (2004), o desenvolvimento emocional das crianças é bastante aprimorado por histórias, especialmente contos de fadas. Por isso, os contos permitem que as crianças lidem simbolicamente com os conflitos internos e tarefas típicas para o estágio dado do desenvolvimento infantil, ajudando-as a lidar com seus medos, frustrações e desejos. Contar histórias é, portanto, um processo que não apenas enriquece o conhecimento intelectual, mas também ajuda a manter o equilíbrio emocional, fornecendo às crianças soluções de papéis narrativos para usar em vários problemas e dificuldades que encontram.

De acordo com Abramovich (2012), a participação das crianças na contação de histórias permite que os alunos participem ativamente do processo de aprendizagem em si: interação com personagens, identificação com enredos e construção de interpretações pessoais de narrativas. No ato de ouvir histórias, as crianças não apenas retêm informações, mas, no mesmo momento, estão envolvidas na construção de significado.

Além disso, é crucial enfatizar que a contação de histórias pode até mesmo estar envolvida na inclusão de crianças com diferentes necessidades educacionais. Ao trabalhar com recursos audiovisuais, linguagem corporal e dicas gestuais, e materiais adaptados, os professores podem tornar as histórias acessíveis a todas as crianças, independentemente de suas habilidades específicas. Isso transforma a contação de histórias em uma estratégia inclusiva, como também, atrai e inclui alunos com diferentes perfis de aprendizagem (Abramovich, 2012).

Contar histórias é a arte de narrar eventos (sejam reais ou fictícios) de forma envolvente e expressiva com o objetivo de transmitir conhecimento, valores e emoções. No âmbito da educação, essa prática é usada como uma estratégia pedagógica que visa ao mesmo tempo em que estimula o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Mais do que apenas transmitir informações, a contação de histórias faz uso da expressividade: modulação da voz, gestos, expressões faciais e, muitas vezes, a manipulação de objetos que ajudam a animar as narrativas que estão sendo contadas (Bettelheim, 2004).

Abramovich (2012) argumenta que contar histórias é um meio de dar às crianças a possibilidade de mergulhar em outros mundos, realidades e perspectivas e, portanto, ampliar as experiências culturais e linguísticas disponíveis para elas. Dessa forma, para crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, ser exposto a histórias por meio de contação de histórias lúdica pode ajudar a desenvolver a imaginação e a linguagem oral e escrita, além de estimular o interesse pela leitura.

A ideia de contar histórias, portanto, não é apenas ler ou contar um texto, mas um ato interativo que inclui engajamento do ouvinte e compartilhamento de experiências e conhecimento entre o contador de histórias e a criança. Segundo Vygotsky (2008), a mediação do conhecimento por meio da linguagem é uma ferramenta importante para o desenvolvimento cognitivo; nessa linha de pensamento, contar histórias se torna outro recurso essencial para a mediação.

A narrativa tem suas raízes em culturas antigas que costumavam transmitir histórias oralmente, muito antes da invenção da escrita. Os ancestrais usavam histórias para reter e transmitir conhecimento, crenças e moral de uma geração para outra. Em muitas sociedades primitivas, as histórias orais formavam o núcleo da educação das crianças e serviam como um meio pelo qual os valores da comunidade eram mantidos.

A tradição verbal, milenar, disseminava conhecimento e sabedoria por meio de culturas espalhadas pelo mundo. Em comunidades em terras tribais, as histórias serviam

ao propósito não apenas de explicar fenômenos naturais, mas também de inculcar valores e comportamentos esperados nos membros da comunidade. Frequentemente, o contador de histórias seria uma figura social importante responsável por transmitir mitos, lendas e história (Hoffman, 1998).

Com o surgimento da escrita, uma parte dessa tradição oral foi registrada e salva em livros e textos; no entanto, a narrativa continuou a ser uma característica vital da transmissão cultural. Especialmente nos contextos em que o acesso fácil à educação formal não estava disponível. Walter Benjamin (1994) em sua obra "O Narrador", fala sobre como o ato de contar histórias é diferente de uma simples transmissão de informações.

As raízes da contação de histórias são trazidas de volta à vida no contexto educacional moderno como uma estratégia capaz de combinar tradição e inovação pedagógica. Ao reviver essa prática, os educadores visam construir um ambiente de aprendizagem mais acolhedor, valorizando a oralidade e a imaginação das crianças. A contação de histórias, portanto, não apenas preserva uma tradição antiga, mas também se encaixa em novas demandas pedagógicas dos tempos atuais: oferece um ensino que pode fornecer envolvimento e motivação aos alunos.

A contação de histórias desempenhou papéis e assumiu diferentes formas ao longo dos tempos em diversas regiões do mundo. Sua transformação está vinculada a mudanças sociais, culturais e educacionais específicas de um determinado contexto. Esta seção analisa como a contação de histórias se desenvolveu na Europa e no Brasil, enfatizando como tal atividade foi inserida nas demandas educacionais de cada contexto e ainda mantém importância na formação dos alunos.

A narrativa tem raízes profundas na Europa, graças a tradições populares de longa data que eram transmitidas oralmente de uma geração para outra. Desde a Idade Média, praças públicas, feiras, lares abundavam em contos de fadas, lendas e mitos usados como veículos tanto de entretenimento quanto de educação moral (Hoffman, 1998).

Os contos populares dos Irmãos Grimm ou Hans Christian Andersen representam de forma exemplar como, no século XIX, a tradição oral europeia foi conservada e fixada. Eles tinham moral e eram muitas vezes cruéis quando adaptados para os jovens, e serviam como uma ajuda muito útil na educação de crianças.

Conforme observado por Zipes (1999), o conto de fadas europeu era uma síntese da tradição oral e da literatura escrita, gradualmente transformada em material didático. A função da educação formal na Europa levou à transferência da tradição da narrativa das

esferas pública e familiar para a sala de aula, onde era empregada como um recurso de alfabetização e ensino moral. Essas histórias eram repletas de elementos simbólicos que permitiam que as crianças entendessem e absorvessem normas sociais, ao mesmo tempo permitindo o desenvolvimento de sua linguagem e capacidades cognitivas.

Durante os séculos XX e XXI, a tradição de contar histórias no sistema educacional da Europa continuou a ser imensamente valorizada, embora com algumas novas abordagens. Na Finlândia e na Dinamarca, consideradas precursoras na invenção de políticas educacionais, a contação de histórias é usada para induzir dimensões de pensamento crítico, criatividade e habilidades de resolução de problemas (Zipes, 1999).

De acordo com Bettelheim (2004), contos de fadas e outras histórias populares são muito importantes para o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, pois ajudam as crianças a lidar com seus medos e lutas internas. Além disso, o uso real da narrativa em salas de aula modernas incorpora métodos interativos que promovem o envolvimento dos alunos, incluindo fantoches e dramatizações, destacando a importância duradoura dessa abordagem nos ambientes educacionais atuais.

No Brasil, a contação de histórias tem uma herança rica e diversa, uma mistura de diferentes culturas indígenas, africanas e europeias. Os povos indígenas do Brasil já usavam histórias orais para ensinar às crianças os costumes da natureza, a espiritualidade e as normas sociais da tribo antes da colonização. Foi somente no século XX que a contação de histórias no Brasil passou a ser vista como um instrumento pedagógico formal, especificamente no domínio da educação infantil. Os trabalhos de Câmara Cascudo (1972) e Ana Maria Machado (1999) apontam para a relevância fundamental das narrativas populares e folclóricas na construção das identidades culturais das crianças brasileiras.

A partir da década de 1980, o cenário político do Brasil passou por transformações substanciais devido à redemocratização, o que permitiu que pedagogias críticas, particularmente evidenciadas por Paulo Freire (1996), ganhassem destaque. Freire via a educação como um meio de promover conhecimento e conscientização, e identificou a contação de histórias como uma abordagem poderosa para aumentar a consciência crítica dos alunos. Ele postulou que as narrativas poderiam facilitar discussões em torno de questões sociais e culturais, encorajando os alunos a contemplar suas próprias realidades. Consequentemente, a contação de histórias surgiu como uma ferramenta para estimular a consciência crítica e refletir sobre questões sociais, ao mesmo tempo em que servia como um meio pelo qual os alunos podiam aprimorar suas habilidades de leitura e escrita.

A contação de histórias se tornou uma prática prevalente em escolas, bibliotecas e centros culturais em todo o Brasil, frequentemente utilizada para melhorar a alfabetização. Essa atividade é compartilhada por educadores como um meio de tornar o aprendizado mais agradável e acessível, particularmente para crianças de origens marginalizadas. Ao incorporar histórias ao processo educacional, uma aventura de inclusão e pertencimento é criada, permitindo que as crianças encontrem representação nos contos que encontram.

Sob essa luz, os estudos de Gonzalez (1988) e Jussara Hoffmann (1998) são fundamentais. Gonzalez (1988) defende o reconhecimento da cultura afro-brasileira, afirmando que a educação deve servir como uma plataforma para resistência e afirmação de identidade, integrando as histórias e experiências de comunidades marginalizadas. A contação de histórias, portanto, se torna um instrumento potente, ajudando crianças e jovens a se conectarem com sua herança e tradições. Essa forma de inclusão desafia o preconceito e promove uma apreciação pela diversidade, auxiliando no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa.

Da mesma forma, Hoffmann (1998) introduz uma pedagogia crítica que honra as experiências e o conhecimento de todos os grupos sociais, destacando a necessidade de um ambiente educacional inclusivo. A diversidade cultural, em sua visão, deve ser um componente fundamental do currículo, com a contação de histórias servindo como um meio de articular e afirmar essas experiências variadas. Essa abordagem não apenas aprimora o processo de aprendizagem, mas também promove a empatia e a solidariedade entre os alunos.

Hoffmann (1998) ainda argumenta que, quando os alunos cultivam um senso de identidade e pertencimento, eles são inspirados a desafiar normas sociais e participar de esforços que promovam equidade e justiça social. Como resultado, a contação de histórias no Brasil se tornou uma atividade disseminada em escolas, bibliotecas e instituições culturais, frequentemente servindo para melhorar a alfabetização e promover uma atmosfera mais envolvente e agradável para as crianças.

Essa prática é vista por muitos educadores como uma forma de tornar a educação mais próxima e prazerosa para as crianças, principalmente no caso daquelas que vêm de comunidades marginais. Segundo autores como Abramovich (2012), a contação de histórias no Brasil não só preserva a tradição cultural, mas também ajuda a vincular a emoção entre o professor e o aluno, criando um ambiente mais inclusivo e acolhedor na sala de aula. No Brasil, a contação de histórias serve não apenas como uma ferramenta

educacional, mas também como uma forma de fortalecer a identidade cultural e promover a inclusão social, ao mesmo tempo em que estimula o crescimento cognitivo e emocional das crianças.

A contação de histórias ainda é relevante hoje e continua como uma prática amplamente reconhecida em contextos educacionais formais e informais. É vista nas escolas como muito eficiente em termos de linguagem, alfabetização (compreensão de leitura) e fomento à empatia. Com o avanço das novas tecnologias, a contação de histórias entrou nos mais novos formatos digitais: audiolivros, podcasts e plataformas de vídeo, permitindo uma recepção interativa e multimodal de narrativas por crianças.

A brincadeira e a imaginação atualmente se tornaram parte integrante do aprendizado nas escolas contemporâneas. Como Kishimoto (2010) afirmou, a contação de histórias é uma técnica para as necessidades cognitivas e emocionais das crianças contemporâneas dos relacionamentos de atenção-aprendizagem-sociedade de hoje. Os valores básicos que são aprimorados por meio da contação de histórias incluem a criação de bases seguras para a criança compartilhar emoções, criar vínculos com colegas e cuidadores e se envolver em pensamento interdependente.

Além disso, a contação de histórias provou ser eficiente em projetos de alfabetização e iniciativas de educação inclusiva em comunidades de baixa renda, oferecendo uma maneira diferente de se envolver com a literatura e permitindo que crianças de várias origens aprimorem suas habilidades de leitura. Este método adaptável de contação de histórias acomoda todos os alunos, independentemente de seus níveis de habilidade, promovendo um ambiente educacional que prioriza a inclusão e a participação ativa (Zipes, 1999).

Além disso, a teoria sociocultural de Vygotsky (1978) enfatiza a importância do contexto social e da interação no processo de aprendizagem, ilustrando como a contação de histórias atua como uma ferramenta potente para a criação coletiva de conhecimento. A pesquisa revela ainda que a contação de histórias efetivamente promove a empatia e as habilidades sociais, permitindo que as crianças entrem nas experiências dos outros e compreendam vários pontos de vista, o que, em última análise, aprimora uma atmosfera escolar mais inclusiva e cooperativa.

Além disso, conforme destacado por Hoffmann (1998), é crucial valorizar a diversidade cultural na educação para que cada aluno se sinta reconhecido e incluído, refletindo suas identidades e experiências. Dessa forma, a contação de histórias não

apenas aprimora a jornada de alfabetização, mas também atua como uma ferramenta significativa para promover a inclusão e a equidade no cenário educacional.

Portanto, a contação de histórias também tem sido uma prática eficaz em projetos de educação inclusiva e programas de alfabetização em comunidades de baixa renda, fornecendo às crianças um ponto alternativo de acesso às literaturas do mundo para que elas tenham que aprender a lê-las. A prática versátil de contar histórias, funcionando para acomodar todos os alunos com ou sem habilidades diversas, vindas de origens variadas, idealmente a coloca em ambientes educacionais onde inclusão e engajamento são valorizados.

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

A contação de histórias não é rica apenas por ser uma prática educacional tradicional, mas também deve aderir a diretrizes pedagógicas para ser efetiva dentro do processo de ensino e aprendizagem. No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são as diretrizes curriculares que norteiam as práticas pedagógicas em todo o país. Tanto os PCNs quanto a BNCC apresentam recomendações sobre narração de histórias para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, apoiando o ensino com foco no desenvolvimento integral da criança.

2.1 PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), datados da década de 1990, foram as primeiras diretrizes amplamente incorporadas no Brasil para orientar o trabalho pedagógico nas diferentes áreas do conhecimento. No campo da contação de histórias, os PCNs apontam para um reconhecimento do valor dessa prática para a construção cultural e o desenvolvimento de aspectos linguísticos e cognitivos das crianças.

De acordo com os PCNs, a contação de histórias ajuda a construir a linguagem oral e escrita e, ao mesmo tempo, estimula a imaginação e a criatividade dos alunos. Os documentos destacam que, durante os primeiros anos do ensino fundamental, as crianças deveriam ser boas ouvintes de histórias, contar suas próprias histórias e também recontá-las, pois isso aumenta ainda mais sua compreensão de leitura e expressividade. Além disso, os PCNs defendem que o uso de histórias deve respeitar a pluralidade cultural:

histórias populares brasileiras, mitos indígenas, contos africanos, fábulas clássicas. As crianças devem ouvir ou ler histórias pertencentes a diferentes culturas. Elas devem ser expostas a valores universais compartilhados pelos personagens dessas manifestações culturais.

Segundo Carvalho (2015), o desenvolvimento emocional também está diretamente relacionado dentro da prática de contar histórias segundo os PCNs. Pretende-se abordar por meio de temas como amizade, medo, superação e empatia as histórias promovem o desenvolvimento socioemocional, facilitando o autoconhecimento dos alunos e as relações com os outros. A variedade de temas trabalhados pela narrativa configura uma oportunidade de se inclinar a valores relacionados ao comportamento, que as diretrizes do PCN tratam da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental

Assim, a escuta torna-se uma prática colocada em paridade com a leitura; sua finalidade, segundo os PCNs (1997), é a informação e não a mensagem e o silêncio. A escuta, pela primeira vez, torna-se ator da aprendizagem e da compreensão. Essa revalidação torna um ato decisivo da comunicação e seu meio, a voz humana. O desenvolvimento da linguagem é, portanto, um processo social que se desenrola por meio das possibilidades criadas pelas mediações do sujeito e de um dado contexto sócio-histórico de enunciação que o cerca.

Ainda assim, para que a linguagem seja usada dessa forma, essas possibilidades devem ser significativas e capazes de criar novas potencialidades como fontes futuras de significado em um processo contínuo e dinâmico de resignificação. Concepções equivocadas sobre a linguagem e sobre o ensino de línguas têm dificultado que as escolas garantam o uso efetivo da linguagem em todos os níveis educacionalmente relevantes.

É preciso entender que a linguagem, como sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, é um modo de produção social e interacional situado, que envolve interlocutores e contexto e que a escola é um lugar privilegiado para essa produção. É nesse contexto que pretendemos introduzir a perspectiva da contação de histórias como mais um método de incentivo à leitura e desenvolvimento de leitores literários. A contação de histórias é uma prática na qual a linguagem como discurso ficcionalizado materializa por meio da interação dos sujeitos o contato entre o linguístico (linguagem como sistema de regras e categorias) e o não linguístico (lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos e psíquicos) por meio de sujeitos interagindo em situações concretas (Carvalho, 2015).

2.2. BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2017, atualizou as diretrizes curriculares brasileiras e definiu competências e habilidades básicas que devem ser desenvolvidas na educação básica. Segundo a BNCC, a prática da contação de histórias é integrada às habilidades comunicativas e de leitura como uma ferramenta pedagógica de grande valor. Na BNCC, as práticas de oralidade, escrita e leitura são focadas em componentes essenciais para o desenvolvimento pleno dos alunos.

Nesse contexto, a contação de histórias é colocada como uma estratégia eficiente na promoção da interação das crianças com textos que, por sua vez, fomenta a leitura crítica ao mesmo tempo em que realiza a escuta ativa das habilidades de comunicação. Ela afirma que a criança deve ser exposta desde o berço a muitos gêneros diferentes de várias origens culturais para criar sentido na leitura e uma relação com a literatura (Brasil, 2017).

Para a educação básica, a BNCC detém dez competências gerais, e várias são demonstradas pela contação de histórias. Por exemplo, a Competência 1 (Valorização do Conhecimento), quando as crianças entram em contato com histórias que expandem sua visão de mundo. A competência 4 (Comunicação) se apresenta de forma mais explícita e é ainda mais enriquecida durante o compartilhamento e a escuta de histórias, pois potencializa a expressão oral e diferencia a capacidade de leitura de contextos comunicativos diversos.

Além disso, a BNCC traz em seus documentos uma proposta de brincadeira e interdisciplinaridade na educação infantil, itens que podem ser desenvolvidos de forma eficiente por meio da contação de histórias. Por meio das histórias, as crianças poderão conhecer diferentes temas e assimilar, prazer e brincadeira, conceitos de matemática, ciências, história e geografia, entre outros. Nesse sentido, auxilia no tratamento de questões como diversidade cultural e inclusão, ambas também defendidas nas diretrizes da BNCC, por meio de uma educação plural e democrática.

3. A UTILIZAÇÃO DAS NARRATIVAS DO LIVRO DIDÁTICO PARA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Um dos instrumentos pedagógicos de referência na educação formal no Brasil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é o livro didático. É fundamental na organização dos conteúdos trabalhados em sala de aula e também na orientação dos

processos de ensino e aprendizagem. Quanto ao seu conteúdo, ele pode ser desenvolvido como material base ou complementar, promovendo atividades que estimulem a interação do aluno com a literatura e a narrativa oral.

Segundo Abramovich (2012), o uso do livro didático aliado à contação de histórias amplia os horizontes culturais das crianças, possibilitando que elas entrem em contato com narrativas de diferentes origens e estilos. O livro didático, quando bem utilizado, pode se tornar um instrumento mediador entre a tradição oral e a prática escrita, fortalecendo a alfabetização e o desenvolvimento das habilidades de leitura desde os primeiros anos de escolarização.

3.1 Atividades com contação de histórias

As atividades de contação de histórias sugeridas nos livros didáticos são muitas e têm como alvo proeminente o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita, fala e compreensão do texto. Diante disso, foram analisados dois livros didáticos, de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, da Coleção Ápis Mais de Língua Portuguesa.

Analisar conteúdos de livros didáticos é estudar, investigar, avaliar, testar e desenvolver o que é proposto nas unidades didáticas presentes nos livros com intencionalidade, portanto, requer uma reflexão sobre os saberes que serão mobilizados e construídos pelos alunos e de que modo a abordagem usada pelos 8 elaboradores dos materiais didáticos podem efetivamente contribuir nesse processo. A prática de analisar os conteúdos permite ao professor de Matemática identificar tipos de situações-problema que favoreçam um ambiente em que os discentes possam trabalhar de forma autônoma e apropriarem-se do saber a ser ensinado.

Mesmo as construções mais fantásticas, como as de histórias, mitos, lendas e sonhos, derivam seu assunto da realidade: o que é irreal é a transformação produzida por nossa imaginação. A imaginação se baseia apenas nos materiais dessa experiência; ela nunca pode transcendê-la. A atividade de criação depende diretamente da riqueza e variedade de experiências passadas porque elas representam o material a partir do qual a construção imaginativa é elaborada. Portanto, ao criar, digamos, uma narrativa ficcional que seja ótima, os ingredientes devem ser buscados na imaginação para compô-la: o homem não está limitado à sua esfera e aos limites estritos de sua experiência, mas pode sair deles e fazer da experiência social da história de outra pessoa também sua por meio do que ele chama de imaginação (Silva, 2021).

Outra prática comum é a recontagem de histórias, onde os alunos são solicitados a recontar uma história usando suas próprias palavras, oralmente ou por escrito. Isso ajuda a melhorar as capacidades de resumo e a compreensão do enredo e permite que as crianças desenvolvam mais suas habilidades de contar histórias e expressivas. Além dessa prática, muitos livros didáticos também incluem atividades relacionadas à interpretação e discussão de temas, o que impulsiona reflexões e debates em sala de aula sobre valores éticos, impasses morais e questões sociais apresentadas nas histórias. Esses momentos de discussão são essenciais para a construção do pensamento crítico dos alunos.

A escuta de histórias é um componente para formar o sentido de pertença em uma comunidade cultural, atribuindo-lhe uma identidade. Não é só contando histórias que nos constituímos narradores, mas também ouvindo as outras pessoas contarem histórias, pois ouvindo suas vozes abre-se a possibilidade de imaginar e recriar a história mentalmente (Vieira, 2022, p. 114).

Além disso, atividades de produção textual são frequentemente sugeridas onde os alunos, com base na narrativa, criam suas narrativas inventando enredos, personagens e cenários. Colocar um selo no conhecimento adquirido por meio desse processo criativo é certamente de grande importância no que diz respeito à ampliação dos horizontes literários dos alunos. Outro recurso muito comum são as ilustrações de histórias que permitem aos alunos expressar visualmente o que as histórias significam para eles; portanto, desenvolve habilidade artística e poder de observação (Vigotsky, 2018).

Pode-se notar que quando olhamos para uma pintura e suas cores e expressões dos personagens, esta pintura pode nos deixar surpresos e tristes ou felizes e contentes com base nas cores e expressões que o pintor usou porque elas mexem diretamente com nossas emoções: As paixões e destinos de heróis inventados, suas alegrias e infortúnios, nos perturbam, nos perturbam e nos infectam, mesmo que estejamos diante de eventos inverídicos, invenções de fantasia (Silva, 2021).

Tais atividades, quando infundidas com o conteúdo do livro didático, tornam o aprendizado bastante significativo e prazeroso ao conferir um tipo de educação baseada em valores emocionais e criativos para os alunos. A narrativa torna a transação mais dinâmica e real: curiosamente, ela se torna vívida com suas atividades complementares - tornando-a facilmente acessível o que contribui significativamente para o desenvolvimento holístico entre as crianças.

A criação literária na idade escolar se desenvolve com base na ideia de que na pré-escola, as crianças se expressam mais facilmente por meio do ato de desenhar - como algo espontâneo e criativo. No entanto, com o passar dos anos, esse interesse enfraquece e

muitas delas perdem completamente o desejo de desenhar. Durante a escola, as crianças são expostas a outras formas de expressão (como a criação literária) e o desenho é desencorajado.

Vygotsky (2018), também discute a criação teatral na idade escolar: destacando a importância do ato de atuar e dramatizar porque, por meio dele, as crianças são encorajadas a brincar, criar, improvisar, preparar, desenhar, etc., o que for necessário para apresentar sua cena; fortalecendo diretamente sua imaginação. No entanto, essa criação teatral deve ser realizada e incentivada de forma espontânea e não imposta, para que as crianças não sejam meras transmissoras das palavras alheias, atividade desestimulante e pouco criativa.

Desse modo, o autor confirma a importância do incentivo à criatividade e à imaginação durante a vida escolar da criança, pois tais estímulos ajudarão positivamente na tomada de decisões, na forma como enxergam os outros e as situações ao seu redor ao longo da vida. Diante de todos esses conceitos podemos refletir até que ponto, o processo educacional ao qual uma criança será submetida por grande parte de sua vida, pode ou não contribuir para a formação de uma pessoa; com riqueza de conhecimentos, estímulos, experiências e tendo experiências conhecidas (Vygotsky, 2018).

3.1.2 Análise do livro didático

O livro didático se encontra dividido em Orientações gerais, princípios gerais, estrutura geral da coleção, plano de desenvolvimento e referências bibliográficas, todas na primeira arte. Em seguida, nas Orientações específicas, se encontram a introdução de ler e escrever e unidades de 1 a 8, sendo que cada unidade possui desde a introdução até a conclusão. Observa-se que o livro possui ênfase na leitura e escrita, trabalhando o letramento, literatura e gêneros textuais, como deixa claro nas orientações gerais.

Essas atividades não apenas cumprem com a leitura do texto, mas também respondem a ele interagindo com a narrativa, refletindo críticas e produzindo criatividade. Assim, Vieira (2022, p. 104) aborda que “é no encontro afetuoso com as pessoas que contam histórias que vamos nos constituindo como contadoras e contadores de histórias, nessa perspectiva recursiva e dialógica da linguagem.

Os livros didáticos propõem uma série de atividades que não se limitam apenas à leitura, mas visam fazer com que os alunos participem ativamente da narrativa, adquirindo habilidades de leitura, escrita, fala e compreensão textual. Entre as práticas

recomendadas, a leitura dramatizada é digna de nota: os alunos devem dar voz e expressões aos personagens da história enquanto os interpretam, aprimorando assim suas habilidades de fala e interpretação. Além disso, essa atividade promove a criatividade; os alunos também se envolvem mais com o enredo.

Durante esta análise, foi feita uma relação do conteúdo do livro com a BNCC. A Base Nacional Comum Curricular define aprendizagens essenciais para toda a Educação Básica, para possibilitar o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para o estudante em sua vida adulta. Ainda assim, o currículo escolar poderá ir além e abranger temas relacionados à cultura e à história da região. As escolas que aproveitarem essa oportunidade para construir um currículo contextualizado contarão com um grande diferencial que poderá, inclusive, influenciar os pais na hora da matrícula. Da mesma forma que a BNCC gera desafios para as escolas, ela também cria a oportunidade de revisão do currículo e adoção de estratégias diferenciadas. A seguir, confira algumas das principais oportunidades.

No que diz respeito ao currículo, o livro didático analisado percorre os conteúdos curriculares esperados e propostos para o desenvolvimento da turma. Espera-se que as habilidades da BNCC caminhem juntamente com o que é proposto e que essa realidade não seja diferente quando há a realização das aulas e não fique apenas no papel. No entanto, com a BNCC, temos que analisar e reavaliar tudo o que foi proposto no currículo anteriormente, porque precisamos caminhar em uma linha tênue e trabalhar em conjunto, levando em consideração todas as questões sociais abrangentes.

A BNCC incentiva a formação integral do aluno, destacando a importância de se trabalhar não apenas a dimensão cognitiva, mas também as competências socioemocionais. As instituições, então, assumem um papel ainda mais importante na formação do estudante, a fim de que ele se torne apto a encarar os desafios do futuro. É possível observar que a Base Nacional Comum Curricular exigirá uma adaptação das instituições de ensino para novos parâmetros educacionais. Isso demandará um trabalho conjunto da equipe e um estudo aprofundado do documento.

Por outro lado, a BNCC gera oportunidades de inserção de conteúdos diferenciados e da tecnologia em sala de aula. Além disso, propõe uma formação que vai muito além do desenvolvimento puramente cognitivo do estudante. Cabe à gestão da escola saber usar isso em prol dos alunos e do seu desenvolvimento.

O estudo e o ensino da língua portuguesa desempenham um papel vital no ensino fundamental do primeiro ao quinto ano. Ele ajuda as crianças a dominar a leitura, escrita

e outras habilidades de alfabetização. Estes são essenciais para o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo. Ao aprender o português, as crianças aumentam sua autonomia em relação ao conhecimento que obtêm de fontes organizadas. Isso também lhes proporciona mais oportunidades de acesso ao conhecimento organizado. Antes que as crianças aprendam a usar novas informações, elas devem entender a cultura e a linguagem ao seu redor.

É por isso que leitores proficientes e usuários competentes de uma língua são necessários para esse fim. As crescentes demandas culturais devem ser consideradas ao estabelecer estruturas educacionais. Além disso, as crianças multilíngues precisam entender os métodos de comunicação verbal e não verbal. Isso porque eles precisam utilizar tecnologias emergentes e linguagens semióticas – incluindo métodos não verbais – que apontam para a necessidade de uma formação consistente em todo o seu processo de formação.

Esta coleção foi criada para ajudar os alunos a se tornarem leitores e escritores proficientes. Acomodou a Política Nacional de Alfabetização (PNA) e a Base Comum Curricular (BNCC). Muitas outras características do trabalho enfatizaram a necessidade de uma formação sistematizada.

Propostas para que os alunos desenvolvam habilidades de leitura, escrita, escuta e fala fluentes em diferentes situações de comunicação são incorporadas ao sistema educacional. Essas propostas seguem pesquisas científicas que comprovam como escrever uma linguagem sistemicamente eficaz. O foco dessas propostas está no desenvolvimento das primeiras habilidades de letramento, com ênfase na criação inicial de um sistema de escrita.

Para ajudar os alunos a entender a natureza mutável das tecnologias de comunicação e informação, esta proposta emprega diferentes mídias – visuais, verbais, corporais, artísticas e mais – por meio de textos multisemióticos para construir uma base em multiletramentos. Junto com essas mudanças tecnológicas, surgiram novas formas de educação que incorporaram aulas multissensoriais e multimídia.

As literaturas ajudam os alunos a aprender sobre novos textos, entendê-los e desenvolver uma apreciação por eles. Isso ajuda os alunos a desenvolver seu pensamento crítico e sensibilidade estética. Também os educa sobre outras disciplinas e aspectos do universo cultural. O objetivo geral da coleção é examinar uma ampla variedade de gêneros, bem como textos que circulam na vida cotidiana. A coleta desses materiais

também estimula o estudo da oralidade, alfabetização e semiótica, produção de texto, linguagem e práticas de letramento.

Nos PCNs, a disciplina se organizava em três grandes blocos de conteúdo: Língua Oral, Língua Escrita e Análise e Reflexão sobre a língua. A estrutura proposta pela BNCC se assemelha a essa organização. No novo documento, as habilidades estão agrupadas em quatro diferentes práticas de linguagem: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. A diferença central refere-se à inserção da análise semiótica. Essa área se refere ao estudo de textos em múltiplas linguagens, incluindo as digitais: como os memes, os gifs, as produções de youtubers etc. Outra mudança é que, para cada um dos eixos, a BNCC propõe um quadro que explicita como se relacionam as práticas de uso e de reflexão. Ou seja: o documento avança na descrição de como podemos refletir sobre a língua, a fim de empoderarmos em seu próprio uso.

Um avanço observado do novo documento é a articulação entre as práticas, a partir do entendimento de que a língua mobiliza os diferentes saberes. Assim, as habilidades de escrita constantemente aparecem integradas com práticas linguísticas como as de leitura e as de análise linguística/semiótica. A formulação se refere a duas atividades articuladas entre si: planejar e produzir a escrita. Os gêneros são indicados (listas, agendas, calendários etc.), assim como é explicitado o campo de atividade, a situação comunicativa, o tema e a finalidade da produção.

Mas, para que o aluno desenvolva a habilidade proposta, o professor terá que planejar práticas de leitura/escrita e outras atividades didáticas em que esses fatores estejam envolvidos. E nas quais o aluno seja levado a reconhecê-los na leitura e a considerá-los na produção. Exemplo: que lista será produzida? Por que vamos produzi-la? Para que ela vai servir? Como ela pode facilitar nossa ação? Quem vai usá-la? Que linguagem devemos usar para que ela atinja seus objetivos? Vale destacar que, para esse trabalho, só o texto não basta, será preciso contextualizar o conhecimento escolar, a partir de situações sociais significativas para os estudantes.

Uma pedra angular deste projeto educacional é a crença de que o ensino deve ocorrer sequencialmente. O fator motivador para esta abordagem é a noção de educar os alunos através de um curso regimentado de estudo. O trabalho resultante segue sequências didáticas, que organizam cada seção. Esses arranjos enfatizam um gênero específico de texto, geralmente uma obra literária como um tema unificador. Este, então, organiza as seções subsequentes de análise, discussão e escrita em vários gêneros. Cada sequência incorpora ainda vários métodos para melhorar as habilidades linguísticas e de debate dos

alunos. Isso inclui discursos, discussões e debates em sala de aula, bem como ambientes de sala de aula mais informais, onde os alunos podem falar entre si. A cada iteração do material instrucional, os alunos preenchem quaisquer lacunas em sua educação. Como as sequências didáticas precisam revisar o material periodicamente, elas atuam como uma ponte entre as lições que se complementam.

Ao que observamos, o livro didático apresenta um foco fundamental em formar o aluno com base no letramento, ou seja, fazer com que ele saia da escola sabendo diferenciar a codificação da decodificação, não somente lendo, mas compreendendo o que se lê. No decorrer do livro encontramos muitas atividades que comprovam esse objetivo.

Auxiliar os alunos no desenvolvimento de habilidades de alfabetização é uma enorme prioridade tanto para a BNCC quanto para a PNA. Ao iniciar o ensino fundamental, o principal objetivo de um professor é educar seus alunos sobre a alfabetização. Este processo dá aos alunos inúmeras oportunidades para utilizar adequadamente o sistema de escrita alfabética enquanto desenvolve outras habilidades de leitura e escrita. Ao envolver seus alunos em múltiplas práticas de letramento, um professor pode ajudá-los a desenvolver a compreensão de vários letramentos.

Como as habilidades de alfabetização determinam o sucesso dos alunos na escola e, conseqüentemente, afetam suas vidas futuras, essas habilidades devem ser dominadas por meio do uso pleno do sistema de escrita. Isso vale para a educação em geral; é um dos primeiros passos no desenvolvimento de habilidades de alfabetização. Também afeta a sociedade atual por meio do crescimento pessoal das gerações futuras. O PNA incentiva os professores a ensinar fonética sistemática aos alunos, incentivar a consciência fonêmica e incorporar o alfabeto em suas aulas.

Este currículo enfatiza a importância das práticas fundamentais de alfabetização, enfatizando o papel que elas desempenham no processo de alfabetização. Isso fica mais evidente nos três primeiros volumes, que incluem atividades voltadas para esses conteúdos. Ao longo do tempo, essas mesmas atividades são repetidas para reforçar o material que está sendo ensinado.

A BNCC detalha uma série de práticas de alfabetização que devem ser consideradas parte da alfabetização de um indivíduo. Estes incluem leitura e escrita, bem como atitudes e habilidades no local de trabalho. As habilidades de alfabetização são essenciais para o desenvolvimento dos processos envolvidos com a apropriação do

sistema de escrita. A BNCC observa que essas práticas se alinham com os eventos de linguagem e alfabetização destacados em seu relatório.

Os novos alunos precisam de apoio em suas práticas iniciais de alfabetização. Por isso é importante destacar os dois primeiros anos do ensino fundamental quando se pensa em práticas adicionais de linguagem. Esses anos ajudam os alunos a desenvolver habilidades de escrita que são essenciais para seu desenvolvimento. Isso porque apoia o processo de incorporação dessas novas práticas no sistema maior.

A leitura é apresentada nesse caso, como fundamental para o desenvolvimento das aulas e da aprendizagem do aluno. Esse quesito se estende até a forma de avaliação e em todas as atividades que estão presentes no livro, como de interpretação e as gramaticais também presentes de forma detalhada. O livro analisado apresenta uma grande atenção à leitura e ao incentivo da mesma, abordando os gêneros e demais atividades e conteúdos específicos da turma do 4º ano.

Favorecer a escuta ativa é algo que aparece como um direcionamento claro na BNCC. A proposta é oralizar o texto escrito, com a leitura em voz de alta de um texto, por um leitor mais experiente. O recurso deve facilitar a compreensão do texto no caso das crianças que ainda estão em processo de alfabetização ou, nos anos finais do EF1, favorecer a interpretação de textos mais complexos e ainda desconhecidos dos alunos. É importante, no entanto, que, no processo de progressão dos conhecimentos, os alunos possam participar de atividades escuta, leitura compartilhada e leitura autônoma – em silêncio e em voz alta – para atingir a proficiência desejada.

Um número significativo de poemas, letras de músicas, contos, histórias em quadrinhos e outros textos literários estão incluídos nesta coleção. A ênfase na formação do leitor torna esses textos parte importante de qualquer curso de análise literária. Eles fornecem aos alunos uma nova compreensão da linguagem e do estilo literário, bem como o desenvolvimento da autoconsciência, da sensibilidade e da imaginação. Os alunos aprendem mais com a análise de obras literárias porque acrescenta mais significado ao seu aprendizado, desenvolve sua apreciação pela arte e desenvolve relacionamentos significativos entre eles e seus colegas de classe. Pode-se valorizar as obras literárias como parte de sua cultura e arte. A leitura de obras literárias infere uma compreensão da estética, da linguagem metafórica, da linguagem figurada e do uso de múltiplas linguagens. As pessoas também percebem significados a partir de declarações indiretas, jogos de palavras e escolhas de linguagens estéticas.

O exame dos livros didáticos de língua portuguesa da Coleção Ápis Mais, elaborados para o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, no âmbito da contação de histórias e materiais educativos iniciais, ressalta a utilização dessa prática como ferramenta pedagógica e suas consequências para o processo de ensino-aprendizagem. A contação de histórias é apresentada nesses recursos educacionais como uma estratégia consistente e vital, servindo para promover a leitura e, ao mesmo tempo, fomentar competências cruciais como interpretação textual, inferência e análise crítica.

As atividades propostas após a leitura das histórias permitem que os alunos contemplem enredos, personagens e temas, fomentando assim o pensamento crítico e a criatividade. Além disso, a contação de histórias encontrada nos livros da Coleção Ápis Mais é elaborada para aumentar o engajamento dos alunos, apresentando narrativas adequadas à faixa etária alvo e empregando linguagem acessível. Esse aspecto transforma a experiência de leitura em algo não apenas agradável, mas também significativo, transcendendo a mera decodificação de palavras e facilitando uma interação mais profunda com o material apresentado.

Os textos examinados também incorporam vários gêneros, incluindo contos, fábulas e lendas, o que permite aos alunos ampliar seu repertório linguístico e ganhar familiaridade com distintas estruturas narrativas. Essa diversidade de gêneros promove o cultivo de leitores críticos e qualificados, oferecendo uma perspectiva mais enriquecida e variada sobre a língua portuguesa.

A narrativa é incorporada de forma interdisciplinar, vinculando vários campos e temas abrangentes, incluindo questões ambientais, cidadania e diversidade cultural. Essa metodologia promove uma experiência de aprendizagem mais expansiva e contextualizada, de acordo com as competências delineadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende o aprimoramento das habilidades socioemocionais e cognitivas por meio da literatura. Ao se envolver com narrativas, os alunos cultivam empatia e contemplam circunstâncias cotidianas, enriquecendo assim sua educação.

Um elemento pertinente adicional é a conexão entre a narrativa e o processo de desenvolvimento da alfabetização durante a primeira infância. A Coleção Ápis Mais emprega narrativas para fortalecer as competências orais e escritas, auxiliando os alunos a compreender a estrutura narrativa, ampliar seu vocabulário e se familiarizar com as convenções gramaticais e ortográficas. Essa abordagem, fundamentada no contexto, aprimora a aquisição da gramática à medida que ela é examinada por meio dos textos com

os quais os alunos se envolvem, tornando a instrução mais coesa e significativa para os alunos.

Além disso, as narrativas atuam como uma base para instruir conceitos gramaticais, incluindo tempos verbais, categorias gramaticais e construção de frases. Quando a gramática é apresentada de forma contextualizada por meio de narrativas, ela aprimora a experiência de aprendizagem, tornando-a mais envolvente e relevante para a vida cotidiana dos alunos.

Conseqüentemente, um exame dos textos do 4º e 5º ano da Coleção Ápis Mais indica que a narrativa é fundamental para o ensino do português, servindo como um meio altamente eficaz para promover habilidades de leitura, cognitivas e socioemocionais. A narrativa aprimora significativamente o envolvimento do aluno, incentiva abordagens interdisciplinares e reforça o processo de alfabetização, alinhando-se com as diretrizes da BNCC. Portanto, a incorporação de narrativas em livros didáticos surge como um recurso poderoso para melhorar os resultados da aprendizagem e facilitar o desenvolvimento holístico dos alunos durante os primeiros anos do ensino fundamental.

3.2 Orientações metodológicas

As diretrizes metodológicas são aquelas que direcionam o uso da contação de histórias em sala de aula de acordo com o livro didático por meio de práticas que buscam promover essa integração da narrativa literária no desenvolvimento pedagógico referente às habilidades linguísticas: falar, ler, escrever e interpretar criticamente. A metodologia deve estar relacionada às necessidades e características das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Bettelheim (2004) argumenta que a contação de histórias é importante para o desenvolvimento emocional e psicológico: ela permite que a criança enfrente suas próprias emoções e dê sentido ao mundo por meio de seu simbolismo. A formulação é, portanto, muito atenta à escolha das histórias a serem contadas, dando tratamento preferencial àquelas histórias que abordam temas relacionados a experiências cotidianas, dilemas morais e questões socioemocionais que podem facilitar a identificação dos alunos com os personagens e situações.

Um posto-chave é diversificar as formas de contar histórias: leitura em voz alta, narração livre, teatro de fantoches. Ou usar qualquer uma delas para atingir objetivos pedagógicos distintos. Por exemplo, ler em voz alta ajuda a desenvolver a escuta ativa e

a expansão do vocabulário. Por meio da narração, o professor pode investigar aspectos da oralidade e da expressão corporal (Lima, 2016).

Além disso, o uso de recursos visuais como imagens e ilustrações ajuda a levar a compreensão da história para casa, especialmente para crianças naquele período de transição da aprendizagem da leitura e da escrita. Os livros didáticos, nesse sentido, preenchem suas páginas com imagens relacionadas a uma narrativa para que os alunos encontrem contextos visuais de lugares e pessoas. Mas caberia ao professor saber explorar esses elementos visuais como forma de tornar a narrativa mais atraente, desse modo facilitando não só a compreensão do enredo, mas também essa conexão emocional com o conteúdo (Santos, 2013).

Outro ponto importante nas diretrizes metodológicas é a interação entre as diferentes áreas do conhecimento. A contação de histórias pode ser usada para ensinar conteúdos de outras disciplinas, como Matemática, defendendo uma forma mais integrada e significativa de conteúdo de Ciências e História. Um exemplo seriam histórias envolvendo situações-problema que permitem aos alunos fazer cálculos ou refletir sobre questões científicas ou históricas. Essa interdisciplinaridade torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e contextualizado, o que ajuda a fortalecer a retenção do conteúdo.

A avaliação da contação de histórias deve ser processual, observando tanto a participação ativa dos alunos quanto seu poder de interpretar e refletir sobre os tópicos. A técnica ou metodologia deve, portanto, apoiar a autonomia dos alunos e suas criatividade para que possam ser protagonistas na construção de suas histórias e no compartilhamento de interpretações. Segundo Vygotsky (1991), a aprendizagem é muito mais eficaz quando há oportunidade para as crianças interagirem com o conteúdo de forma significativa: cooperando, construindo conhecimento em conjunto com colegas e professores.

Dessa forma, as recomendações metodológicas sobre a contação de histórias tornam-se, se bem aplicadas, uma ferramenta poderosa no processo educacional que promove não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também socioemocional dos alunos por meio da aprendizagem ativa e colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias é uma prática que atravessa fronteiras culturais e eras, mantendo sua importância no ensino de novas gerações. Sua forte base nas tradições orais,

juntamente com a rica diversidade cultural do Brasil, aumenta sua importância no cenário educacional atual. Conforme observado ao longo do texto, as narrativas populares desempenham um papel crucial na formação da identidade cultural das crianças, enquanto a metodologia de Paulo Freire aprimora ainda mais a contação de histórias como um meio de promover a consciência crítica e a contemplação de questões sociais.

Ao integrar a contação aos métodos de ensino, a educação se transforma em um ambiente mais convidativo e inclusivo, permitindo que todos os alunos, independentemente de suas origens ou habilidades, participem de experiências de aprendizagem profunda.

Ao considerar como apresentar uma história, deve-se levar em consideração técnicas como leitura expressiva ou dramatização do texto, ao mesmo tempo em que se concentra no ritmo e destaca momentos significativos na narrativa. Portanto, a contação de histórias não apenas salvaguarda tradições ancestrais, mas também se estabelece como uma abordagem educacional criativa e impactante que cria conexões entre alunos e educadores, incentiva o respeito pela diversidade e nutre ambientes de aprendizagem colaborativos e inclusivos. Promovendo desse modo, o crescimento de conhecimentos variados e aumenta muito a criatividade das crianças. Esta atividade é crucial para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental

Consequentemente, esse fator serve como uma ferramenta significativa para suscitar o pensamento crítico e reflexivo das crianças, ao mesmo tempo em que promove a paixão pela leitura e desperta a imaginação por meio da criação de imagens que fluem entre os reinos da realidade e da ficção. Além dessas vantagens, promove o envolvimento sociocultural entre as crianças de uma maneira lúdica e impactante, conectando-as não apenas com sua própria cultura, mas também com aquelas representadas nas várias narrativas compartilhadas. Assim, reiteramos que esta é uma prática influente que necessita de planejamento cuidadoso e coordenação pedagógica.

Juntamente com os pontos acima mencionados, a contação surge como uma abordagem vital durante um período em que inúmeras políticas inclusivas estão em discussão. Por meio da arte literária, ela promove o respeito por diversas perspectivas de uma maneira que seja acessível e adequada para crianças pequenas, encorajando a empatia e a colaboração entre os alunos de uma forma agradável.

Em suma, contar histórias é um componente vital da educação moderna que transcende a mera narração, mergulhando as crianças em um reino de significados e

relacionamentos que influenciam sua percepção do mundo. As histórias fornecem um meio de explorar temas significativos, incluindo a apreciação da cultura, diversidade e tradições, nutrindo assim o respeito pela pluralidade cultural e desafiando estereótipos e preconceitos. No entanto, isso não implica que a literatura e a narrativa devam ser empregadas com um propósito didático destinado ao aprendizado das crianças. Em vez disso, elas podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento da compreensão socioemocional em crianças pequenas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador. São Paulo: Brasiliense, 1994. In: BENJAMIN, W. (Org.). **Escritos escolhidos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 183-197.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1997.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Vozes, 2013.

CÂMARA Cascudo, L. **Geografia dos mitos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1972.

CARVALHO, Marcia Evelin. Afinal, quem é esse contador de histórias? Reflexões, dinâmicas e exercícios que estimulam sua descoberta. **Revista form@re em novo endereço**, v. 3, n. 2, 2015.

FERREIRA, Therezinha de Jesus Costa et al. **Ápis Mais: Língua Portuguesa 5º ano - Ensino Fundamental**. São Paulo: Editora Ática, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, L. A educação e a diversidade cultural: considerações para a prática pedagógica. In: GONZALEZ, L. (Org.). **Educadores e educadoras: as práticas pedagógicas**. São Paulo: Editora Scipione, 1988. p. 23-37.

HOFFMANN, J. Educação e diversidade cultural. In: HOFFMANN, J. (Org.). **A diversidade cultural e a educação**. Porto Alegre: Editora PUC-RS, 1998. p. 9-23.

KISHIMOTO, T. **A contação de histórias como prática pedagógica**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

LIMA, Renata Junqueira de Souza. **Contação de histórias: uma metodologia ativa no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2016.

SANTOS, Regina Zilberman dos. **Literatura Infantil: Formação de Leitores em Casa e na Escola**. São Paulo: Global, 2013.

SILVA, Maurício; FRANCHI, Vanessa Leão. VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Imaginação e criação na infância. São Paulo: expressão popular, 2018. **Cadernos de Pós-graduação**, v. 20, n. 1, p. 294-296, 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. Contação de histórias para, com e por crianças na escola da infância. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 31, n. 68, p. 103-116, 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: expressão popular, 2018.

_____. **A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZIPES, Jack. **Sticks and Stones: The Troublesome Success of Children's Literature from Slovenly Peter to Harry Potter**. New York: Routledge, 1999.